



interin

Revista do Programa de Pós-Graduação em
Comunicação e Linguagens | Universidade Tuiuti do Paraná
ISSN: 1980-5276 | DOI 10.35168/1980-5276.UTPinterin
v. 25, n. 1, jan./jun. 2020

VISUALITIES
AND INTERMEDIALITIES

Foto da capa: hlobo

Prefácio

Visualidades e Intermidialidades

Uma cultura global saturada de imagens exige alfabetização visual de seus cidadãos para funcionar como força de trabalho e participantes culturais. Diversos métodos de comunicação visual foram desenvolvidos para atender a essas demandas sociais. À medida que a visualidade está cada vez mais envolvida na construção de uma nova realidade, as pessoas não apenas admiram o poder de "ver para crer", mas agora param para repensar se a imagem é autêntica. Agora, o foco dos estudos culturais visuais discerne a lógica de como nossa visão é criada e manipulada dentro e por interesses sociais e culturais; portanto, os estudos contemporâneos da cultura visual dependem fortemente de perspectivas críticas nas teorias sociais.

Este dossiê especial da *Interin* sobre Visualidades e Intermidialidades foi desenvolvido como uma iniciativa do Grupo de Trabalho sobre Cultura Visual da IAMCR - VIC, para oferecer várias perspectivas sobre dois temas. Esses ensaios examinam e reformulam criticamente os fenômenos visuais construídos em contextos econômicos culturais e sociopolíticos maiores. Tomados em grupo, eles demonstram como as questões de visão nas mídias contemporâneas e nas tecnologias de comunicação são construídas de maneira pouco convencional e muitas vezes não fundamentada em uma tradição da mídia, mas no que podemos chamar de intermidialidade, um diálogo entre as mídias. A intermidialidade pode produzir mensagens visuais com ou sem base na realidade física.

Esses ensaios contribuem para o campo da cultura visual, sendo um trabalho verdadeiramente internacional, lidando com a vanguarda da cultura visual, discutindo mudanças na mídia e nas tecnologias. Os autores discutem VR, jogos, mídia via satélite e hologramas, bem como novas técnicas visuais na mídia convencional. No entanto, nenhum ensaio introduz apenas o estado atual das artes midiáticas, mas, em geral, os ensaios desenvolvem argumentos de implicações sociais e significados culturais que cercam e constroem nossa visualidade nessas mídias. Essas discussões propõem novas alternativas e implicações políticas, além de iniciar estudos futuros no campo da cultura visual.

Os pesquisadores desta edição recorrem a influentes estudiosos como Henry Jenkins, cuja conhecida *Cultura da Convergência: onde as mídias novas e antigas colidem*, afirma que o público vai a qualquer lugar em busca de conteúdo, um processo simplificado pela Internet e que “o fluxo de conteúdo” atravessa a plataforma de mídia, produzida por vários conglomerados de mídia. O conceito de convergência de Jenkins dialoga com a intermedialidade.

O livro de Gillian Rose, *Metodologias Visuais: uma introdução à pesquisa com métodos visuais*, fornece mais embasamento teórico para as discussões nesta edição. Ela questiona como os significados estão conectados e podem desconstruir os regimes visuais da verdade. De fato, a visualidade requer atenção a abordagens e pontos de vista que podem mudar significados e, portanto, nunca são fixos.

Hans Belting, em *Imagem, Mídia, Corpo: uma nova abordagem da iconologia*, sugere que “as imagens vivem em um paradoxo de representar a presença de uma ausência ou vice-versa. Este paradoxo, por sua vez, baseia-se na prática de relacionar a presença com a visibilidade”. Belting constrói uma ponte entre visualidade e visibilidade, presença e ausência, tentando argumentar que os conceitos podem ser híbridos.

Jonathan Crary em *Técnicas do Observador: Sobre Visão e Modernidade no século XIX*, menciona não apenas subjetividade e visualidade, mas também a focalização, a relação entre a visão e o que é 'visto' e percebido. Em relação à subjetividade, Crary afirma que “a visão e seus efeitos são sempre inseparáveis das possibilidades de um sujeito observador, que é o produto histórico e o local de certas práticas, técnicas, instituições e procedimentos de subjetivação”. Crary acredita que cada período de tempo cria seus próprios procedimentos, como a câmera obscura e o estereoscópio. Para a nossa época, o VR-HMD - Realidade virtual – Monitor Montado na Cabeça cria a ilusão de que o observador está vendo uma imagem tridimensional, como um estereoscópio.

Os autores deste dossiê de periódico especial adotam essas e outras posições teóricas para argumentar que o ponto relevante não é apenas representação ou interpretação, mas a interação de ambos, o que fornece outro significado aos temas do dossiê: visualidade e intermedialidade. Mesmo tendo a mesma imagem a ser analisada, os resultados diferem na dialética entre representação e interpretação.

Este dossiê especial traz à tona aspectos teóricos e empíricos da cultura visual no contexto de mudança de tecnologias e recepção da mídia. Vários artigos discutem o significado das mudanças tecnológicas que moldam uma nova atmosfera de cultura visual. Em *Remediating Tactility*, o autor analisa um novo método sensorial no microgênero da Internet, o 'vídeo de satisfação' no YouTube. Da mesma forma que a tecnologia de realidade virtual, vídeos satisfatórios também apresentam integração multissensorial. No entanto, em seu ensaio, Werning define essa nova forma de experiência experimental e imersiva multissensorial desenvolvendo nove vocabulários visuais específicos para o gênero de vídeos de satisfação, vocabulários que têm implicações para o campo mais amplo do vídeo digital.

Além disso, *Fotografia Tátil* explora como as fotografias móveis não compartilhadas podem escapar aos regimes de visualidade. Kim argumenta que, em vez da visualidade, contextos práticos mais amplos, como inscrição, arquivamento pessoal, transporte e até esquecimento, podem ser mais produtivos. Para examinar esse fenômeno menos articulado, mas generalizado, este artigo examina o aspecto sensível da fotografia móvel como uma extensão dos debates sobre a adoção tátil da mídia móvel (Cooley 2004, Verhoeff 2012, Pink et al 2016, etc.). Com base em dados etnográficos com usuários japoneses, explora como a mídia móvel afetou as práticas fotográficas e uma nova cultura visual, denominada "fotografia tátil".

Documentários Interativos, Transmidiáticos aborda as maneiras pelas quais a tecnologia de mídia contemporânea constrói realidades. O autor argumenta que uma nova alfabetização de mídia é demandada por tecnologias como VR e mídia imersiva, que desenvolvem estratégias narrativas diferentes das mídias convencionais. Este artigo explica a disposição dos termos 'autor', 'sujeito' e 'público' na construção da realidade em documentário multiplataforma interativo, imersivo, participativo, orientado pelo usuário.

Mudanças tecnológicas e novos métodos de representação de visualidades não resolvem problemas preexistentes com comunicação intercultural e estereótipos culturais. *As crianças mexicanas urbanas e seus hábitos culturais intermediáticos / transmidiáticos (leigos)* pesquisa crianças mexicanas, descobrindo que essas crianças utilizam mídias ao longo de um dia inteiro, usando várias mídias simultaneamente. Os

autores propõem a. novo currículo de alfabetização midiática para crianças, de acordo com esse padrão emergente de uso de intermediário / transmidiário.

Uma imagem, visões diferentes: um mapeamento cognitivo de estereótipos étnicos visuais traz à tona questões de estereótipos étnicos por meio da representação visual das pessoas. Este artigo utiliza o método de "análise de ressonância" para detectar o esquema cognitivo de imagens visuais construídas por quadros interculturais.

Enquadramentos biopolíticos de mulheres empobrecidas nas imagens fotojornalísticas acerca do Programa Bolsa-Família demonstra como a política de bem-estar social impõe poder político sobre os corpos humanos. Este artigo traz um ponto crítico em relação ao programa Bolsa-Família, que é uma política brasileira para amparar famílias pobres. Ao analisar 120 imagens publicadas entre 2003 e 2015 em quatro jornais, o autor encontra uma estrutura biopolítica que define como devem ser os destinatários. Esses parâmetros biopolíticos também funcionam como uma técnica de governamentalidade e como diretrizes morais que determinam modos de vida "normais".

A questão ambiental é um dos temas derivados da visualidade e da intermedialidade. *Persuasão através de metáforas visuais* analisa filmes documentais que lidam com problemas ambientais nos Estados Unidos, Brasil e França. Este estudo examina como a construção da realidade ocorre através da prática documental não visual. O autor vê esses sinais não fotográficos como um método para formar discursivamente a realidade através de metáforas cognitivas e molduras que constroem as respostas dos espectadores às imagens e sons no documentário.

A visualidade e a intermedialidade nesta nova era remodelam a vida cotidiana em educação, artes e até funerais. O ensaio de Tietzman e Kalil abre a questão com uma discussão sobre a natureza da intermedialidade. Eles examinam como a mídia atual tenta cruzar as fronteiras entre a vida e a morte, utilizando diversas tecnologias digitais para reviver cantores mortos, criando corpos holográficos e sons dos falecidos.

O ensaio de Feijoo e Pavez analisa o uso da mídia por crianças em relação a um novo método de publicidade em mídias como o You Tube. Essa nova estratégia de publicidade influencia efetivamente as crianças sem fornecer mensagens de anúncio explícitas, mas obscurece o marketing com jogos e narrativas.

Dang e Segers, em *Uma análise comparativa da satisfação visual no Museu Digital*, por outro lado, examinam a satisfação do cliente enquanto experimentam um meio digital. Os autores realizam um estudo comparativo entre dois museus digitais na China, realizando pesquisas e entrevistas detalhadas para avaliar a qualidade das informações, a qualidade do sistema, a utilidade percebida, a usabilidade percebida e a imagem de um museu sobre a satisfação do visitante. Este é um pequeno estudo de caso em uma região específica, mas sua implicação pode ser significativa porque é um dos primeiros estudos empíricos sobre museus digitais na China.

David William Foster, pesquisador convidado deste dossiê, traz uma nova perspectiva sobre a representação visual de paisagens, analisando a fotografia da Antártica realizada por uma fotógrafa feminista, Adriana Lestido. Essas fotos não apenas demonstram toda a paisagem antártica, mas também mudam a visão convencional dessa região.

Nós, os editores deste dossiê, gostaríamos de agradecer a pesquisadores de muitas universidades e instituições que nos enviaram suas propostas, bem como a gentil contribuição dos membros da IAMCR de um comitê de revisão desta edição especial, incluindo David William Foster, Karen Wilkins, Sadia Jamil, Salvatore Scifo, Sandra Ristovska, Myonghye Kim e Tom Jacobson. Também expressamos nossa gratidão a Janet Wasko, Bruce Girard e Elske van der Fliert.

Denize Araujo

Universidade Tuiuti do Paraná, Brazil

Deborah Tudor

Souther Illinois University, USA.

Sunny Yoon

Hanyang University, South Korea.

Editoras convidadas